

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 11, número 2 (2020)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Drag Queens em Banheiros Públicos Coletivos e Ruas de Foz do Iguaçu: Cartografias de Corpos Dissidentes em Lugares Transientes

*Drag Queens en los Baños Públicos y en las Calles de
Foz do Iguaçu: Cartografías de Cuerpos Disidentes en
Lugares Transientes*

*Drag Queens in Public Restrooms and Streets of Foz
do Iguaçu: Cartographies of Dissident Bodies in
Transient Places*

Mateus Garcia Spindula

Universidade Federal da Integração Latino-
Americana - Brasil
mgspindula@gmail.com

Leo Name

Universidade Federal da Bahia - Brasil
lpmname@gmail.com

Andréia Moassab

Universidade Federal da Integração Latino-
Americana - Brasil
amoassab@gmail.com

Como citar este artigo:

SPINDULA, Mateus Garcia; NAME, Leo; MOASSAB, Andréia. *Drag Queens em Banheiros Públicos Coletivos e Ruas de Foz do Iguaçu: Cartografias de Corpos Dissidentes em Lugares Transientes*. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 2, p. 03-29, 2020. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Drag Queens em Banheiros Públicos Coletivos e Ruas de Foz do Iguaçu: Cartografias de Corpos Dissidentes em Lugares Transientes

Drag Queens en los Baños Públicos y en las Calles de Foz do Iguaçu: Cartografías de Cuerpos Disidentes en Lugares Transientes

Drag Queens in Public Restrooms and Streets of Foz do Iguaçu: Cartographies of Dissident Bodies in Transient Places

Resumo

Partimos de uma crítica às representações cartográficas convencionais e de um breve levantamento dos escritos em geografia e arquitetura e urbanismo sobre espaço, gênero e sexualidades. Abordaremos os trânsitos de um grupo de *drag queens* em Foz do Iguaçu, no Paraná, por ruas e banheiros públicos coletivos, os quais consideramos lugares transientes. Relataremos um trabalho de campo que por três diferentes noites acompanhou esse grupo, utilizando a metodologia móvel do sombreamento e posteriormente produzindo dois conjuntos de cartografias: os “mapas da violência”; que colaborativamente registraram as repressões espaciais na experiência destas *drag queens* em movimento e as colagens banheirísticas, autorrepresentações das vivências de algumas delas nos banheiros coletivos.

Palavras-Chave: *Drag Queen*; Lugar Transiente; Cartografia; Banheiro Público; Sombreamento.

Resumen

Se parte desde una crítica a las representaciones cartográficas convencionales y de un breve recorrido por las literaturas en los ámbitos de la geografía, arquitectura y urbanismo sobre el espacio, género y sexualidades. Se aborda de cerca los desplazamientos de un grupo de *drag queens* en Foz do Iguaçu (Paraná), por las calles y los baños públicos colectivos que consideramos lugares transientes. El artículo reporta también un trabajo de campo que acompañó a este grupo durante tres noches diferentes, utilizando la metodología móvil del seguimiento (sombreo) y produciendo posteriormente dos conjuntos de cartografías: los mapas de violencia, que representaron de manera colaborativa las represiones espaciales en la experiencia móvil de estas *drag queens*; y los collages bañísticos, las autorrepresentaciones de las vivencias de algunas de ellas en los baños colectivos.

Palabras-Clave: *Drag Queen*; Lugar Transiente; Cartografía; Baños Públicos; Sombreo.

Abstract

We start from a critique of conventional cartographic representations and a brief survey of the writings in geography and architecture and urbanism on space, gender and sexualities. We will approach the transit of a group of drag queens in Foz do Iguaçu, Paraná, through streets and collective public bathrooms, which we consider transient places. We will report a fieldwork that accompanied this group for three different nights, using the mobile methodology of shadowing, and later on producing two sets of cartographies: the maps of violence, which collaboratively represented the spatial repressions in the mobile experience of these drag queens; and the ‘bathly’ collages, that is, self-representations of the experiences of some of them in the restrooms.

Keywords: Drag Queen; Transient Place; Cartography; Restroom; Shadowing.

Mateus Garcia Spindula, Leo Name, Andréia Moassab



Eu prefiro um DVD, um karaokê da Beyoncé
Do que encontrar você
Com esse seu discurso demodê
Que quer me dizer, que devo fazer, ser como você
Que quer me fazer, mas sem ninguém ver sou mais Beyoncé
Tentar me entender, eu não vou ceder ao padrão clichê
Assim discreto, macho não!
Prefiro ser a avant gardé
Eu prefiro a Beyoncé dançando aqui do que você
Eu prefiro amanhecer, anoitecer com a Beyoncé
Eu quero enfiar-me, bem feminina sem você

Ctrl N, Eu prefiro (2018).

Introdução

Como a geografia, o campo de arquitetura e urbanismo tem o espaço como seu objeto primordial, mas normalmente tomando-o com intenções de intervenção: criação ou recriação. Apontam alguns escritos que as arquitetas, em diferentes países, têm sido geo-historicamente invisibilizadas (CAVEN *et al.*, 2012; MONTEIRO, 2015; ANTUNES, 2016; DE FONTES, 2016; STRATIGAKOS, 2016; NOMDEDEU CALVENTE, 2018) – sobretudo as não brancas (MOASSAB e BERTH, 2018). Além disso, nas práticas projetivas e nas formulações acadêmicas ainda são utilizadas concepções espaciais e representações gráficas de bases cartesianas que pouco mudaram desde o Renascimento europeu: embora ancorados numa visualidade demiúrgica supressiva do tempo e do movimento e que naturaliza a separação entre canteiro e projeto e entre sujeito e objeto, apresentam-se como descrição fidedigna da realidade (SAINZ, 2005 [1990]; ARANTES, 2012; FREITEZ CARRILLO, 2019; RUGERI, 2019). E, particularmente na América Latina, ainda têm lugar os ideais pretensamente universais, ‘racionalistas’ e desenvolvimentistas do movimento moderno – que se confundiram com a institucionalização da área nas universidades do subcontinente (SALVATORI, 2008; FARRÉS DELGADO, 2015 e 2020 [2016]; ALCÁNTARA-CEBALLOS, 2019).

Diante desse quadro, não é de se espantar, por um lado, que a literatura concernente às relações entre o espaço em diferentes escalas, às identidades e às performatividades de gênero e às múltiplas sexualidades seja muitíssimo menos frequente em arquitetura e urbanismo (CEVEDIO, 2003; NOVAS, 2014; MOASSAB, 2019; PECCINI, 2019) que na geografia – que vem fornecendo contribuições ao tema há pelo menos três décadas (BONDI, 1990; DA SILVA, 1998; BONDI e ROSE, 2003; SILVA, 2008; SILVA *et al.*, 2013; SILVA e ORNAT, 2019 e 2020). Por outro, que ao passo que geógrafas e geógrafos há muito debatam as relações de saber e poder que atravessam a produção de seus mapas (WOOD, 1992; MONMONIER, 1996; GODLEWSKA, 1997; CRAMPTON e KRYGIER, 2006; KITCHIN e DODGE, 2007; GIRARDI, 2009; HARLEY, 2005 [2002]), arquitetas e arquitetos não deem a devida atenção às razões e aos efeitos dos modos de

Mateus Garcia Spindula, Leo Name, Andréia Moassab



fazer, representar e utilizar os desenhos designados em suas práticas: além dos mapas, as plantas baixas, as elevações, os cortes e as perspectivas, por exemplo, sendo raras as exceções (NAME e NACIF, 2013; NAME e FREITEZ CARRILLO, 2019; FREITEZ CARRILLO, 2019; RUGERI, 2019; SOUZA, 2020).¹

Tais questões, no presente trabalho, são complexificadas ao serem levadas em consideração as inquietudes pessoais e acadêmicas de cada uma das pessoas que o assina. No momento de desenvolvimento da pesquisa que este artigo abarca, uma e outro de nós eram docentes de um curso de arquitetura e urbanismo numa cidade do interior do Sul do Brasil: uma mulher heterossexual branca e cisgênera, que permanece no curso, e um homem gay, branco e cis, atualmente em outra instituição, cada qual com as experiências de seus corpos nos espaços, cada qual com interesses nas relações entre espaço e gênero e nas linguagens não convencionais na representação gráfica em arquitetura e urbanismo; cada qual com trajetórias de distanciamento e aproximação com a área de arquitetura e urbanismo e outros saberes. O outro de nós é um egresso do mesmo curso que, autodeclarando-se homem branco, gay, 'bicha', transformista e *drag queen*, ao longo de seu bacharelato não se manteve alheio às ausências, ao não dito e ao silêncio acerca do gênero e das sexualidades nos modos de conceber e desenhar o espaço no ensino e nas práticas profissionais. Além disso, em seus momentos de 'montação' drag, ele vive a experiência, provisória, da sujeição de seu corpo em diferentes lugares às chamadas 'repressões espaciais' (CORTÉS, 2008 [2006]): os efeitos de poder, as censuras e toda sorte de atos repressivos que recaem sobre os corpos daquelas e daqueles que fogem à norma heteronormativa imposta ao espaço e pelo espaço. Assim, práticas que deveriam ser banais, como andar na rua, ir a um bar ou utilizar um banheiro público coletivo, podem resultar em constrangimentos, desde mal-estar e exclusão até violências psicológicas, físicas, sexuais e políticas (LAN, 2011).

Partindo desses apontamentos e considerando que é na experiência do corpo em movimento na cidade que os conflitos relacionados ao gênero e às sexualidades emergem, abordaremos o trânsito de *drag queens* em ruas e em banheiros de estabelecimentos comerciais em Foz do Iguaçu, no Paraná. Faremo-lo considerando que tanto a rua, normalmente relacionada ao campo do urbanismo, quanto o banheiro público coletivo, espaço que pode derivar de um projeto de arquitetura, são 'lugares transientes' (JIRÓN e ITURRA, 2011). Nossa argumentação será possibilitada, outrossim, por um trabalho de campo que por três diferentes noites acompanhou um grupo inicialmente com nove *drag queens* na noite dessa cidade paranaense, no ano de 2018 (SPINDULA, 2018; ver Figura 1). Tal exercício utilizou a metodologia etnográfica, móvel e participante denominada 'sombreamento' (JIRÓN, 2012 [2011]) e objetivou a produção de dois conjuntos de 'cartografias alternativas' (NAME e FREITEZ

¹ Cumpre destacar, também, que ambas as áreas são pouco presentes em debates sobre o patriarcado na configuração espacial, mais especificamente, do patriarcado-racista-capitalista. Muito embora o capitalismo na produção espacial venha sendo já há muito debatido por autores bastante conhecidos como David Harvey (2005[2001]), raramente é conferida atenção às relações interseccionadas entre gênero, sexualidade, raça e classe na produção do espaço construído e habitado.



**Drag Queens em Banheiros Públicos Coletivos e Ruas de Foz do Iguaçu:
Cartografias de Corpos Dissidentes em Lugares Transientes**

CARRILLO, 2019): os ‘mapas da violência’, produzidos colaborativamente com as *drags* que contatamos para este estudo, registraram a experiência delas em movimento entre os lugares transientes (ruas e banheiros públicos coletivos); e as ‘colagens banheirísticas’, feitas individualmente por algumas destas *drags*, representaram suas impressões a respeito das vivências nos banheiros coletivos que não couberam nos mapas. Ambas as cartografias, a partir do uso de linguagens não usuais, objetivaram iluminar outras experiências espaciotemporais e minimizar o silêncio das experiências e trajetórias desse grupo invisibilizado, ampliando as possibilidades de representar-se o que é normalmente irrepresentável nos mapas convencionais (MIGNOLO, 2000).

Figura 1. As *drag queens* Magenta Canterlot, Yala e Luna Blue no sanitário masculino de um bar em Foz do Iguaçu.



Fonte: acervo próprio (2018).

Na próxima seção, brevemente debateremos as relações entre espaços, gênero e sexualidades, sem quaisquer pretensões de esgotamento e mais especificamente nos voltando aos corpos dissidentes das *drag queens* nas ruas e em banheiros públicos coletivos (aqui vistos como lugares transientes). Depois, apresentaremos o método do sombreado e os mapas da violência. Finalmente, na última seção, apresentaremos as autorrepresentações com base na memória emocional e sensorial nas colagens banheirísticas.

Espaços, gênero e sexualidades: corpos dissidentes em lugares transientes

O segurança me pediu o crachá
Eu disse: nada de crachá, meu chapa
Sou um escrachado, um extra achado
Num galpão abandonado, nada de crachá
Ié, uô, uô, ié
Sei que o senhor é pago pra suspeitar
Mas eu estou acima de qualquer suspeita
Em meu planeta todo o povo me respeita
Sou tratado assim como um paxá
Ié, uô, uô, ié
Essa aparência de um mero vagabundo
É mera coincidência
Deve-se ao fato de eu ter vindo
ao seu mundo com a incumbência
De andar a terra, saber por que o amor
Saber por que a guerra
Olhar a cara da pessoa comum e da pessoa rara
Um dia rico, um dia pobre, um dia no poder
Um dia chanceler, um dia sem comer
Coincidiu de hoje ser meu dia de mendigo
Meu amigo, se eu quisesse, eu entraria
sem você me ver, sem você me ver, sem você me ver
Gilberto Gil, Extra II – O rock do segurança (1984).

A literatura em atenção às relações entre espaços, gênero e sexualidades, seja com base na geografia (BONDI, 1992 e 1993; MASSEY, 1994; BELL e VALENTINE, 1995; MCDOWELL 2000 [1999]; SILVA, 2009; RODRIGUES, 2014; DATTA et al., 2020), seja mais raramente em arquitetura e urbanismo (CEVEDIO, 2003; HEYNEN e BAYDAR, 2005; ANTUNES, 2015; CAÑETE GALEANO, 2017; MOASSAB, 2019; MOASSAB et al., 2020), tem demonstrado que tanto as concepções racionalistas e funcionalistas sobre o urbano quanto os modos cartesianos de se representá-lo, ainda vigentes, são pautados por sensibilidades androcêntricas e heterocisnormativas.

Sejam ancoradas em certo ocularcentrismo expressivo de anseios de posse e de conquista, próprios [concordando com anseios] da modernidade-colonialidade e seu *ethos* patriarcal-racista-capitalista, sejam atravessadas por racionalidades geométricas e matemáticas (NAME e FREITEZ CARRILLO, 2019; RUGERI, 2019), essas representações estabelecem, no espaço, bem como em "sua distribuição, utilização, transferência e simbolização, hierarquias e prioridades que favorecem determinados valores e anulam outros" (CORTÉS, 2008 [2006], p. 135).

O trabalho, as atividades e, sobretudo, as prioridades da masculinidade hegemônica e da família patriarcal, heterossexual e branco-burguesa, sob esta perspectiva, são o que maioritariamente organizam e dão forma à casa, à rua e à cidade: ao passo que adaptam a seus movimentos, tempos e desejos, dificultam outros arranjos espaciais que considerem diferenças de classe,



gênero ou raça. No entanto, lembra-nos a geógrafa feminista espanhola Inés Pérez Fernández (2009) que, ao contrário do designado pelo senso comum, o espaço privado da casa não é propriamente dominado pelas mulheres: é concebido como propriedade de um ‘dono’, o patriarca. Em verdade o que é feminilizado – enunciado como feminino, mas não necessariamente provendo experiências de autonomia e liberdade às mulheres – é o que se descreve e se projeta como espaço doméstico ou lar: espaços de confinamento e controle das mulheres, sobretudo das mulheres brancas burguesas, à semelhança dos hospitais e manicômios (FOUCAULT, 2000 [1975]; FEDERICI, 2017 [2004]). Sendo assim, são construções arquitetônicas que sintetizam a dominação do patriarcado capitalista sobre os corpos das mulheres.²

A rua, por sua vez, em sendo concebida, vivida e representada para a fruição plena do homem (em especial, o branco), prefigura corpos dissidentes – de mulheres, negros e transgêneros, por exemplo –, alvos potenciais de controle e repressões espaciais: a esses corpos, bem como aos espaços e às espacialidades que possam vir a produzir, quer-se impor a disciplina, a invisibilização e – se preciso, com o uso de distintas formas de violência – a supressão. A despeito dessas concepções, e também das representações cartográficas e dos levantamentos arquitetônicos que visionam a rua como realidade estática, descorporificada e a priori – que apenas está ali e por isso facilmente pode ser apreendida e inventariada –, ela é um ‘lugar transiente’, em constante transformação. O termo é da pesquisadora chilena Paola Jirón que, a partir de um esforço de pesquisa interdisciplinar e com base na fenomenologia, tem lançado contribuições bastante originais ao estudo de diferentes mobilidades na cidade de Santiago (JIRÓN, 2012 [2011]; JIRÓN et al., 2013). Os lugares transientes, para ela, são fixos, mas neles as pessoas têm experiências ao mesmo tempo transitórias (breves, passageiras) e em trânsito (movendo-se neles, atravessando-os, muitas vezes para chegar a outro lugar ou antes de ir a outro lugar).

Se obviamente as ruas são lugares transientes, também assim consideramos os banheiros públicos coletivos. Afinal, estão sujeitos à constante circulação de pessoas – distintos corpos que, normalmente, não os têm como objetivo final de seus trajetos. Os banheiros públicos coletivos são acessados para a realização rápida de necessidades fisiológicas (urinar e defecar) e, usualmente, também para retocar a maquiagem, fazer os asseios próprios da menstruação, lavar as mãos, retirar alguma sujeira do corpo ou roupas e tomar banho (quando há chuveiros à disposição), por exemplo. Sua função de asseio e de proteção contra impurezas em nome da coletividade, contudo, não os limita a outros empregos e relações: ocasionalmente dão lugar a distintas práticas – dos vários tipos de sociabilidades aos intercursos sexuais. Algumas vezes, eles estão situados em outros lugares transientes (mercados, feiras, terminais de transporte, aeroportos, parques, praças e, é claro, ruas); em outras, em espaços de maior permanência (entre outros, os espaços laborais, os bares e os

2 Angela Davis (2016 [1981]) demonstra que as mulheres negras sempre estiveram nos espaços públicos na condição de trabalhadoras (escravizadas ou livres) e que o ideal de confinamento ao espaço doméstico teria exercido pressão na construção da masculinidade do homem negro a partir do século XIX. Contudo, as especificidades raciais na constituição dos espaços públicos e privados não serão tratadas aqui, uma vez que todas as *drags* tomadas como nossas interlocutoras eram brancas.

restaurantes, as bibliotecas, as escolas e as universidades).

De formas talvez mais marcadas e certamente mais explícitas do que ocorre nas ruas, tais banheiros não concedem acesso igual a todas as pessoas. Diferentemente daqueles dos espaços domésticos – mais comuns a partir da segunda metade do século XX e nada indicando que alguma vez tenham sido divididos por gênero –, nos espaços públicos desde meados do século XIX os banheiros coletivos eram destinados somente aos homens (HOAGLAND, 2018). O aumento do número de operárias nas indústrias fomentou a publicação das primeiras regulamentações sobre o espaço produtivo das fábricas na Inglaterra a exigirem a separação com base no sexo biológico (KOGAN, 2007).

Ao passo que se consolidava socialmente um juízo moral do patriarcado sobre a fragilidade das mulheres – ao invés de preocupações sobre a violência dos homens –, ao final do Século XIX e no início do Século XX essas normas pretendiam ‘proteger a feminilidade pura da imoralidade’. Progressivamente, desde então, os banheiros adquiriram a atual genitalização das subjetividades: a permissão de entrada de determinados corpos em determinados banheiros públicos coletivos mediante o prévio enquadramento da pessoa em uma ordem binária que a reconhece pelo sexo biológico assignado médica e legalmente ao nascer (e não por sua autoidentificação). Sendo assim, as placas em suas portas, com desenhos ou palavras que indicam ‘feminino’ ou ‘masculino’, são como “cancelas de gênero, que materializam diferenças entre homens e mulheres, associando cada gênero e genital ao papel reprodutivo e à socialmente esperada posição sexual” (CERVI et al., 2019, p. 339). No entanto, as últimas décadas têm visto críticas a seu desenho binário, segregador e excludente, ao que se exige um “desenho situado” (ESCOBAR, 2016): inclusivo em relação às necessidades de pessoas com deficiência ou restrição de mobilidade,³ obesas ou de baixa estatura, de famílias com bebês e de crianças, por exemplo; e, é claro, cujo arranjo espacial projetado albergue as pessoas que fujam do padrão binário e genitalizado ou que transitem entre diversas “performatividades de gênero” (BUTLER, 2007 [1990]).

Na geografia, há pesquisas identificadas como ‘geografias de espaços e espacialidades queer’ ou, como é mais comum no Brasil, ‘geografias de gênero e sexualidades’: tomam em conta a exclusão e a resistência de corpos dissidentes na cidade (KNOPP e BROWN, 2003; KNOPP, 2004 e 2007; BORGHI, 2014; ISLAS VELA, 2015). Há trabalhos, por exemplo, sobre a marginalização, a sexualização e a prostituição de transexuais nos espaços públicos e privados, bem como a transfobia e seus riscos de morte (SILVA e ORNAT, 2016; MIRANDA, 2018; ORNAT et al., 2018; SANTOS e ORNAT, 2018; SILVA e ORNAT, 2018; SANTANA, 2019). Outros escritos debatem a guetização, o escamoteamento e a invisibilização de corpos homossexuais e seus espaços de sociabilidade ou, ainda, analisam suas práticas sexuais quando territorializadas em espaços públicos, incluindo os banheiros coletivos (VALENTINE, 1995; BROWN, 2000; VIEIRA, 2010; COSTA, 2002 e 2014; LENZI e SILVA, 2018; STAMATOPOULOU, 2018). Há, ainda, a literatura

3 Mesmo com um debate mais avançado sobre acessibilidade, com a existência de regulamentação e exigências legais, ainda é comum que espaços públicos de boa parte do Brasil não atentem para o acesso a pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.



que analisa as experiências de exclusão e de inadequação de mulheres e homens trans nestes espaços (SILVA, 2008; SANTOS *et al.*, 2019).

Porém, mesmo que os corpos *drags* possam ser incluídos no termo anglo-saxão *queer*, não encontramos em nosso levantamento bibliográfico textos que levassem em conta a especificidade de sua condição transformista transitória, geralmente relacionada a uma performance artística. Julgamos que a corporeidade *drag queen* necessita, então, de maior atenção de pesquisadoras e pesquisadores com interesses em espaços e espacialidades. Afinal, se por um lado de fato a performance ‘feminina’ de uma *drag queen* demanda modificações corporais que são provisórias e reversíveis e que, além disso, não necessariamente tal personagem se alinha à orientação sexual e à autoidentificação de gênero de quem a interpreta; por outro lado, quando montada, a *drag* tem sua mobilidade nas ruas e seu acesso a banheiros públicos, por exemplo, sujeitos a violências e inadequações ao binarismo generificado e genitalizado tais quais os sofridos por homens e mulheres transgêneros.⁴

Sombreamento e mapas da violência: drag queens pelas ruas e em banheiros públicos coletivos de Foz do Iguaçu

Pra que dissimular?
Se ela me segue aonde quer que eu vá?
Melhor encarar
E aprender com ela a caminhar
Não vou mais negar
Por todo caminho, minha sombra está

Eu quero saber me querer
Com toda a beleza e abominação
Que há em mim

Pitty, A sombra (2009).

Partindo da intersubjetividade e da inseparabilidade entre espaço e tempo na experiência do deslocamento, em seus trabalhos de campo Jirón acompanha, por um certo número de dias e à distância, os deslocamentos de mulheres e homens no cumprimento de suas tarefas cotidianas (trabalho, estudo, lazer, gestão do lar e da família etc.) – sejam a pé, sejam no uso de meios públicos ou privados de transporte. O chamado ‘sombreamento’ (*shadowing* ou *sombreo*, em seus trabalhos) (JIRÓN, 2012 [2011]; ver também: CZARNIAWSKA, 2007) busca entender a experiência do espaço como estar no mundo em movimento. Por esta metodologia móvel, a pesquisadora torna-se a ‘sombra’ de uma pessoa, seguindo-a por onde quer que vá e da maneira que escolha ir, o que "implica não só reconhecer as rotinas, mas também entrar nas práticas, no diálogo e na interação como compromisso constante" (JIRÓN, 2012 [2011]). Em outras palavras, há que observá-la, escutá-la e fazer-lhe

4 Embora não seja esse o tema de nosso trabalho, julgamos ser importante assinalar que a corporeidade *drag*, como outras, também é atravessada por questões de raça e classe, sendo importante indagarmos sobre diferentes e maiores graus de opressão, violência e constrangimento vividos pelas *drag queens* pobres e não brancas em diferentes espaços.



**Drag Queens em Banheiros Públicos Coletivos e Ruas de Foz do Iguaçu:
Cartografias de Corpos Dissidentes em Lugares Transientes**

perguntas, compartilhar e propor colaborativamente com essa pessoa e recolher dados – sempre atravessando uma miríade de lugares interconectados, cujas relações entre si são tão ou mais importantes que aquelas encerradas em cada um deles.

Em Foz do Iguaçu, as performances de *drag queens* são limitadas a apresentações noturnas mais esparsas em teatros e espaços culturais, ou em uma ou outra boate voltada ao público LGBTQI+ (onde também se pode conseguir o trabalho de *hostess* ou *host*). Somente em raros momentos de resistência, há espetáculos em restaurantes e em praça pública. Por isso, para esse trabalho, os sombreamentos só puderam ocorrer quando o próprio grupo pesquisado organizou eventos, tendo-se atenção a programá-los em distintos locais da cidade – cada um trazendo diferentes facetas dos conflitos e processos violentos relacionados a gênero e sexualidades.

Esses sombreamentos foram realizados por um de nós, que também se apresenta como *drag queen* (às vezes estava montada em *drag*, outras não) em bares e casas noturnas de Foz do Iguaçu, nos dias 19 de agosto, 1º de setembro e 17 de outubro de 2018. Vale lembrar que este período coincidiu com a campanha eleitoral para a presidência da República, que foi tornando-se ao longo das semanas cada vez mais agressiva, misógena, LGBTQI+fóbica e racista. Assim, se usualmente é recorrente o estranhamento da maioria dos moradores e das moradoras iguaçuenses em relação à presença de *drag queens*, naquele momento específico a situação tornou-se ainda mais crítica não só na cidade, mas em todo o país.⁵ Na medida em que os discursos de ódio às minorias políticas deixaram de se restringir aos debates entre os candidatos e candidatas e crescentemente ganharam força na esfera pública da cidade, o grupo analisado foi diminuindo de tamanho.

Figura 2. O grupo de *drags* anda pelo antigo bairro operário de Foz do Iguaçu. À direita e abaixo, o perfil do pesquisador que as “sombreia”, também montada como *drag*.



Fonte: acervo próprio (2018).

Por este motivo, ao invés de “sombrear” uma única pessoa, inclusive por questões de segurança optou-se por acompanhar um grupo maior (ver Figura 2). Além disso, ficar muito distante do grupo mostrou-se crescentemente perigoso. Ao mesmo tempo, as *drags* que restavam circulando para eventos e em colaboração com o trabalho, continuamente ponderaram sobre sua exposição e sua segurança. Nesse contexto tenso e arriscado, depois do terceiro encontro, elas decidiram parar de frequentar a noite e interromperam sua colaboração na pesquisa.

O primeiro encontro aconteceu em um dos antigos bairros operários da cidade. No processo de sombreamento viu-se que a maior parte, se não a totalidade, das pessoas que encontravam o grupo pelas ruas e bares eram famílias nucleares, casais heterossexuais ou homens cisgêneros. Os outros dois encontros ocorreram na área central de Foz do Iguaçu, partindo de dois diferentes espaços públicos considerados boêmios e que já abrigaram e ainda abrigam festas LGBTQI+ – efetivamente com mais densidade e diversidade de público. As diferentes conformações do grupo possibilitaram experiências espaciais distintas: ao passo que parte do grupo poderia, por exemplo, visualizar à distância olhares de reprovação (de homens e mulheres) sem necessariamente conseguir ouvir o que era dito, outra parte do grupo podia escutar comentários de terceiros (tanto de homens quanto de mulheres, mas dependendo de onde estavam, sem saber de onde vinham). Em algumas ocasiões transparecia a própria hesitação de parte das *drags* de trocarem olhares com os desconhecidos e desconhecidas com quem cruzavam nas ruas ou banheiros coletivos.

Como mapear, espacializar e representar tais experiências e violências?

Estamos mais uma vez de acordo com Jirón (2012 [2011]), em seu apontamento sobre ser impossível registrar a especificidade e a diversidade dos variados trajetos humanos nas cidades em um mapa cartesiano tradicional: "demasiado físico, mecanicista e um expoente da engenharia social" (LENNTORP, 1999), tratando indivíduos como independentes dos ambientes sociais cotidianos. Assim, se o sombreamento, como diz-nos Jirón, obriga quem pesquisa a aceitar que seu entendimento do Outro e da Outra está imbricado com sua própria subjetividade e com a experiência do espaço com esse Outro ou Outra (ibid., p. 4-6), optou-se por registros e mapeamentos construídos coletivamente.

As estratégias de registro foram alteradas conforme o tamanho do grupo e os condicionantes e situações em cada espaço: ora em texto, ora em texto e em fotografias, ora por fotos tomadas pelos próprios telefones celulares das sombreadas, que depois as compartilhavam. No entanto os debates, as análises dos acontecimentos e suas anotações não ocorriam tão somente durante os sombreamentos. Optou-se pela produção posterior de uma cartografia que, por um lado, tinha o objetivo de tentar revelar os incidentes, as experiências do trajeto dos corpos e o desvelamento das relações de poder. E, por outro lado,

5 Nos dois primeiros anos do mandato de Jair Bolsonaro houve um aumento dramático no número de feminicídios, ataques a pessoas LGBTQI+ e de assassinatos de indígenas, lideranças no campo e da juventude negra e periférica no Brasil. Em junho de 2020, mais de 60 organizações e movimentos sociais assinaram uma denúncia feita à Organização das Nações Unidas sobre a violação dos Direitos Humanos feita pelo atual governo brasileiro (MANIERO, 2020).

por questões de segurança, decidiu-se que os mapas não poderiam revelar a localização exata do sucedido, tampouco o nome de ruas ou estabelecimentos comerciais em que cada uma das violências ocorrera.

Em auxílio a esse mapeamento, foi inspirador o trabalho da arquiteta brasileira Adriana Caúla (2008 e 2019): sua análise geo-histórica acerca dos quase quinhentos anos de narrativas sobre cidades utópicas na literatura, no urbanismo, nos quadrinhos e no cinema, utilizou o que ela chama de 'tipias'. Trata-se de singelas porém potentes imagens de sua autoria que cumpriram o papel de mapear e iconograficamente sintetizar a recorrência de determinados elementos destas narrativas (NAME, 2020). O método tem sido utilizado por Oswaldo Freitez Carrillo, arquiteto venezuelano residente no Brasil e dedicado à pesquisa de cartografias alternativas: ele produz suas próprias tipias e as considera imagens prenhas de fácil identificação e, por isso, úteis à comunicação de ideias, conceitos e valores abstratos. Em um trabalho em parceria com outro pesquisador (NAME e FREITEZ CARRILLO, 2019), as tipias tiveram o mesmo caráter retrospectivo empregado por Caúla, mas foram criadas com o objetivo de representar as semelhanças e recorrências em relatos de jovens estudantes sobre suas experiências em trânsito entre distintos territórios e entre gêneros e sexualidades, visando a seu mapeamento. Em outro estudo (FREITEZ CARRILLO, 2019), o pesquisador concebeu tipias propositivas: no projeto de reforma de uma edificação, elas o auxiliaram no diálogo e no codesenho acessíveis a pessoas não arquitetas que utilizariam ou construiriam os ambientes.

Sob essa perspectiva, na decupagem das informações dos grupos de *drags* em trânsito em Foz do Iguaçu, foi possível a elaboração de tipias que mostrassem os acontecimentos. Em outras palavras, a partir do debate coletivo foram feitas sínteses visuais dos relatos que dessem conta de graficamente caracterizar as ocorrências e violências, além das sensações vividas pelas *drags* em seus trajetos nas ruas e em banheiros coletivos. A figura 3, subsequente, apresenta algumas dessas tipias, divididas entre olhares, discursos/falas, agressões físicas e interdições/contenções: violências de ordem psicológica, emocional, verbal, sexual e política. Após a introdução dessas tipias e enunciados os diferentes níveis de violência, cada uma das *drags* também recebeu uma tipia que a representasse.

O registro cartográfico, nos mapas da violência, buscou mostrar duas dimensões. Para cada um dos dias de sombreamento são desenhadas em positivo (fundo branco) as relações, as sensações, as reações e as tomadas de decisão que partiram de quem observava as *drags* em movimento; e, em negativo (fundo negro), as das próprias *drags* e a respeito de quem as fitava. Além disso, desprendendo-se de convenções cartográficas tradicionais, em todos os mapas o sentido de leitura horizontal das informações mostra a dimensão temporal, isto é, a sucessão dos fatos. Já os elementos dispostos verticalmente e à esquerda apresentam o lugar onde ocorreu cada episódio (mas usando topônimos fictícios). Nos três mapas da violência, os trajetos mais rápidos são representados por linhas retas e os mais dispendiosos de tempo, seja via transporte público ou a pé, por linhas curvas. Chamamos atenção, finalmente, para a tipia que revela a necessidade de uma ou mais *drags* precisarem desviar seu trajeto mediante a percepção de alguma ameaça eminente ou efetiva.

**Drag Queens em Banheiros Públicos Coletivos e Ruas de Foz do Iguaçu:
Cartografias de Corpos Dissidentes em Lugares Transientes**

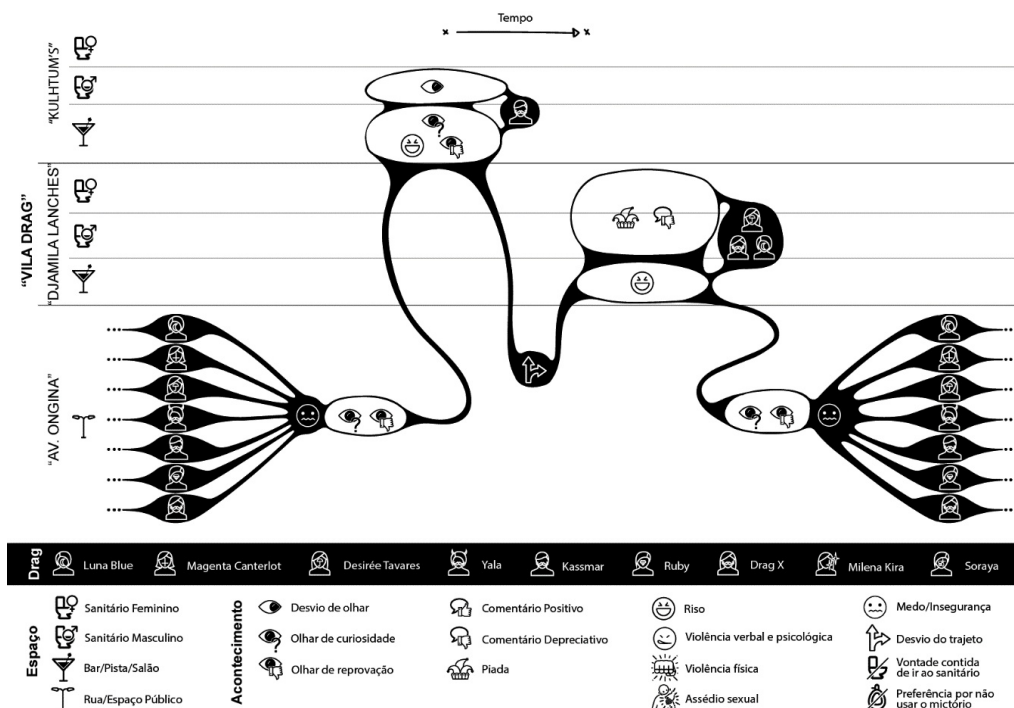
Figura 3. Tipias para os mapas das violências.

Tipia	Acontecimento
	Desvio de olhar: expressão facial com olhos que denotam desconfiança, insegurança etc.
	Olhar de curiosidade: expressão facial com olhos que denotam dúvida, curiosidade, confusão, perplexidade, desconfiança etc.
	Olhar de reprovação: expressão facial com olhos que denotam descontentamento, depreciação, desaprovação ou raiva.
	Comentário positivo: discurso que expressa contentamento, apreciação ou aprovação sobre algo ou alguém. Por vezes proferido como uma "obrigação moral" ou tentativa de reparação.
	Comentário depreciativo: discurso que expressa descontentamento, intransigência, depreciação ou desaprovação sobre algo ou alguém.
	Piada: discurso jocoso sobre algo ou alguém. Visa, por vezes, a ridicularizar e humilhar.
	Riso: expressão facial que denota sentimento ou opinião jocosa, cômica. Visa, por vezes, a ridicularizar e humilhar.
	Violência verbal: discurso agressivo com intenção de ridicularização, humilhação, vexação ou ameaça.
	Violência física: ação deliberadamente violenta, humilhação, agressão física com objetos ou com o corpo, luta corporal etc.
	Assédio sexual: ameaça, coerção ou insinuação de cunho sexual.
	Medo/insegurança: sensação de insegurança, receio pela integridade física, acanhamento, percepção de coação ou ameaça.
	Desvio de trajeto: mudança do percurso previamente estipulado, ou usual, em detrimento de fator externo. Desviar da rota, atravessar a rua etc.
	Vontade contida de ir ao banheiro: interdição, contenção das necessidades fisiológicas, decisão por não adentrar o espaço dos banheiros públicos coletivos.
	Preferência por não usar o mictório: interdição, decisão por não utilizar os mictórios, resguardo, apreensão, receio etc.

Fonte: elaboração própria a partir de recursos disponíveis em:
<https://www.flaticon.com/> (2018).

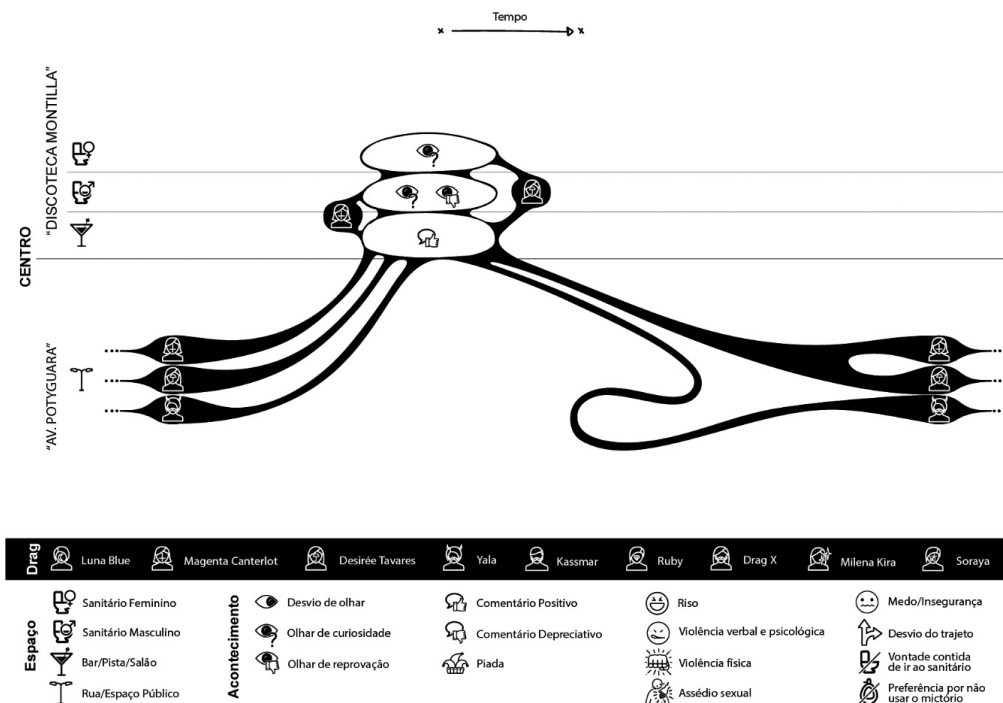
**Drag Queens em Banheiros Públicos Coletivos e Ruas de Foz do Iguaçu:
Cartografias de Corpos Dissidentes em Lugares Transientes**

Figura 4. Mapa da violência do sombreamento do dia 19/08/2018.



Fonte: elaboração própria a partir de recursos disponíveis em <https://www.flaticon.com/> (2018).

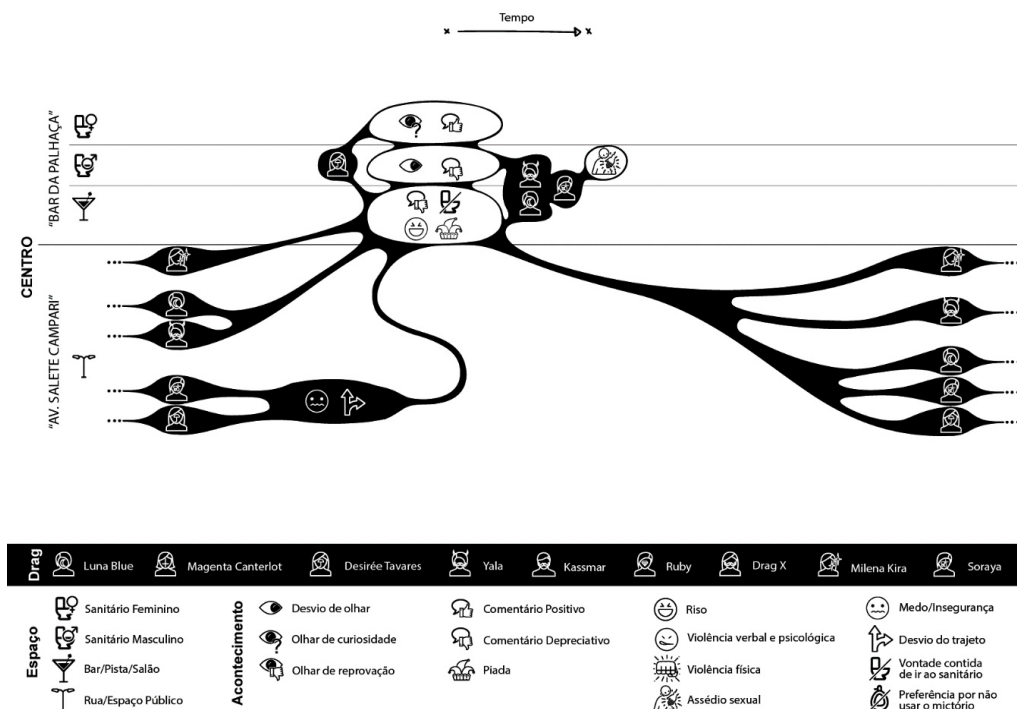
Figura 5. Mapa da violência do sombreamento do dia 01/09/2018 .



Fonte: elaboração própria a partir de recursos disponíveis em <https://www.flaticon.com/> (2018).

**Drag Queens em Banheiros Públicos Coletivos e Ruas de Foz do Iguaçu:
Cartografias de Corpos Dissidentes em Lugares Transientes**

Figura 6. Mapa da violência do sombreamento do dia 17/10/2018.



Fonte: elaboração própria a partir de recursos disponíveis em <https://www.flaticon.com/> (2018).

A Figura 4 corresponde ao mapa do primeiro sombreamento no antigo bairro operário que hoje em dia conta com um grande número de serviços e equipamentos (no mapa nomeado como ‘Vila Drag’), também reconhecido pelo seu caráter conservador e tradicional. O mapa tenta revelar o quanto o percurso – desde o encontro do grupo para um ensaio fotográfico próximo à ‘Av. Ongina’ – foi permeado por violências. Ora havia o olhar de reprovação da pessoa que atravessava a rua, ora o carro que acelerava, ora a profunda sensação de insegurança e medo por parte do grupo em percorrer as ruas escuras.

O mapa do segundo sombreamento (Figura 5), com o grupo já reduzido, resulta do dia em que houve uma festa voltada ao público LGBTQI+ na área central da cidade. Embora as *drag queens* Magenta Canterlot, Desirée Tavares e Yala tenham relatado que em comparação com o encontro anterior sentiram-se mais seguras, também foram sentidas violências. Não é possível afirmar se todas e todos ali presentes eram pessoas LGBTQI+, tampouco especular sobre uma eventual ausência destas violências, caso o fossem. Enquanto na pista de dança e nas imediações do bar as *drags* recebiam comentários positivos, ao usarem os banheiros coletivos – seja o masculino, seja o feminino – enfrentavam duros olhares. Mesmo percebendo tais olhares de curiosidade e reprovação como insinuações de que não deveriam estar ali, na completa falta de um terceiro banheiro coletivo que pudessem utilizar, elas tinham que se sujeitar a esses espaços disponíveis – mas optavam por usá-los quando estavam mais vazios ou quando a eles se dirigiam em grupo.

Por último, as experiências em trânsito ocorridas durante o terceiro sombreamento, representado em mapa da violência específico (Figura 6),

revelam situações de assédio e de medo, até mesmo o de utilizar os banheiros. Traz também de maneira mais incisiva o espaço da rua, na medida em que cada uma das *drag queens* chegou ao espaço do 'Bar da Palhaça' por trajetos e meios diferentes.

Autorrepresentação em colagens banheirísticas

Era uma vez uma menina
Que tinha uma questão particular
Toda vez que sua bexiga chamava
Era algo de se desesperar
Mas não é porque ela tinha impedimentos
Ou alguma doença que dificultava a ação
Tudo estava em perfeito funcionamento
Então o que lhe causava tamanha aflição?
É tão simples usar o banheiro
Não há muito o que pensar
Tudo parece bem encaixado
Vou aqui recapitular
Para as mulheres é algo comum
Se tiver uma bonequinha visível ali
Basta essa porta atravessar
Abaixar as calças e fazer xixi
Para os homens é igual
Se tiver um bonequinho desenhado
Eles não pensam duas vezes
E deixam o vaso todo mijado
Mas vocês já devem estar curiosos
O que danado acontece com essa menina?
Se tudo está bem com seus órgãos
Por que diabos ela não libera a urina?
Quando a nossa menina nasceu
O médico disse "é menino!"
Porém um dia ela entendeu
Que não precisava seguir tal destino
Então logo ela foi buscar
Se vestir do jeito que gosta
Se expressar como sentia por dentro
Diferente da maneira que lhe era imposta
Ao mundo ela se apresentou
Mas quase ninguém compreendeu
E quando a sua jornada começou
Famíliares e amigos ela perdeu
Muitas portas se fecharam
Inclusive a do banheiro
Teoricamente, um ambiente público
Mas, pra ela, nada hospitaleiro
Se ela entra no feminino

Mateus Garcia Spindula, Leo Name, Andréia Moassab

Só pra maquiagem retocar
As outras mulheres se incomodam
E logo expulsam ela de lá
Constrangida, vai ao masculino
Chamando muita atenção
Teme o tempo todo a violência
Pois ninguém entende sua situação
Inclusive, certa vez
A polícia alguém chamou
Ela se sentiu muito humilhada
Por toda agressão que vivenciou
Muitos são os argumentos
Que as pessoas usam pra justificar
Religião, cultura e preconceito
“Por isso aqui você não pode entrar!”
E vocês o que fariam
Se estivessem no mesmo barco?
Alguém já viu xixi tão polêmico?
Por que negar um direito tão básico?
A menina entristeceu
Sua vida não parecia melhorar
Até que um dia ela sentiu
Que não podia desanimar
E no mundo ela buscou
Se juntar com quem se importa
“Vamos fazer muito barulho
Até que se abram todas as portas!”
E agora estamos aqui
Celebrando cada pequeno passo
Hoje é um simples xixizinho
Amanhã conquistaremos o espaço

Edu Turte-Cavadinha, *A menina que não podia mijar* (2015).

Após a produção dos mapas da violência, notamos que parte das experiências e trânsitos do grupo de *drag queens* pesquisado ainda mantinha-se invisibilizada – quer por informações que escapavam das dimensões espaciotemporais do método etnográfico, quer pela crescente sensação de insegurança do grupo ao percorrer todos os lugares. Propondo, então, dar continuidade às experimentações, debatemos sobre o interesse em construir, coletivamente, um ensaio visual crítico em forma de colagem de imagens e tipias. Desejava-se, com isso, dar oportunidade para cada uma das artistas expressar suas próprias ideias a respeito de suas vivências nos banheiros coletivos.

Com Luna Blue, Desirée Tavares, Magenta Canterlot e Soraya – grupo do qual fazia parte um de nós, que é o coautor desse texto responsável pelo sombreamento e que também é transformista e *drag queen* – iniciou-se um trabalho de pesquisa e construção de um referencial imagético: com fotografias, elementos visuais e referências intertextuais. As imagens

Mateus Garcia Spindula, Leo Name, Andréia Moassab

Drag Queens em Banheiros Públicos Coletivos e Ruas de Foz do Iguaçu: Cartografias de Corpos Dissidentes em Lugares Transientes

escolhidas pelo grupo eram separadas entre fotografias (de banheiros masculinos e femininos encontrados durante o sombreamento, das próprias artistas e do espaço urbano de Foz do Iguaçu) e típias produzidas para o mapeamento – além, é claro, de outras imagens que auxiliassem na construção da narrativa proposta. A atividade foi dividida em alguns encontros, o que permitiu a reelaboração constante dessa cartografia, auferindo significado aos poucos. Chegou-se a uma proposta de criar colagens que buscassem dar suporte à representação do espaço do banheiro coletivo e de si mesmas, incorporando dimensões materiais e psíquicas. Tal processo transbordou o desenho bidimensional: a colagem foi feita sobre lâminas de vidro sobrepostas que, depois, foram colocadas à captura instantânea.

Ao final, a decupagem dos dados resultou em quatro sínteses visuais que demonstram as experiências, as emoções e as sensações relacionadas ao trânsito dos corpos de cada uma das *drags* nos banheiros coletivos públicos (Figuras 7, 8, 9 e 10). Com profundidades literal e simbólica, trata-se de imagens que julgamos mais expressivas do que os mapas da violência, inclusive por sua inexorável – e bem-vinda – pessoalidade: abraçando a parcialidade destes ensaios visuais críticos, as *drag queens* poeticamente desvelaram, usando os códigos anteriormente estabelecidos no trabalho e os recursos por elas elencados, os efeitos de poder, os processos violentos, os rechaços, os comentários negativos, os olhares, os assédios e, igualmente, as resistências.

Figura 7. Colagem sobre lâminas de vidro. Síntese visual das experiências como *drag queen* nos banheiros públicos coletivos em bares e boates de Foz do Iguaçu. Autoria de Desirée Tavares.



Fonte: Spindula (2018).

**Drag Queens em Banheiros Públicos Coletivos e Ruas de Foz do Iguaçu:
Cartografias de Corpos Dissidentes em Lugares Transientes**

Figura 8. Colagem sobre lâminas de vidro. Síntese visual das experiências como *drag queen* nos banheiros públicos coletivos em bares e boates de Foz do Iguaçu. Autoria de Luna Blue.



Fonte: Spindula (2018).

Figura 9. Colagem sobre lâminas de vidro. Síntese visual das experiências como *drag queen* nos banheiros públicos coletivos em bares e boates de Foz do Iguaçu. Autoria de Magenta Canterlot.



Fonte: Spindula (2018).

Drag Queens em Banheiros Públicos Coletivos e Ruas de Foz do Iguaçu: Cartografias de Corpos Dissidentes em Lugares Transientes

Figura 10. Colagem sobre lâminas de vidro. Síntese visual das experiências como *drag queen* nos banheiros públicos coletivos em bares e boates de Foz do Iguaçu. Autoria de Soraya.



Fonte: Spindula (2018).

Considerações finais

A invisibilidade e a exclusão de corpos dissidentes têm sido comumente verificadas nos projetos de arquitetura e urbanismo, mesmo para espaços públicos. Em pleno século XXI, projetos e representações da cidade e da arquitetura continuam operando em acordo com o sistema mundo/moderno colonial (QUIJANO, 2000), baseados em critérios hegemônicos de saber, de desenvolvimento e produtividade. Os corpos dissidentes, sob tais critérios, são abjetos e improdutivos, deixados para morrer, explorados como força de trabalho ou transformados em mercadoria para consumo – como é o caso da ‘aceitação’ do corpo *drag* em suas performances nas casas noturnas.

Ressalte-se que muitos dos processos de subalternização subjacentes à modernidade/colonialidade guardam relação direta com o sistema de produção econômica, uma vez que modernidade, colonialidade, patriarcado, racismo e capitalismo, embora não coincidentes, são convergentes. A arquitetura tem sido instrumentalizada, destarte, como vetor de imposição dos valores simbólicos do patriarcado-racista-capitalista, com efeitos materiais dramáticos na vida das pessoas, tal qual demonstramos com a violência contra *drags* nos banheiros coletivos públicos e nas ruas. Dito de outro modo, a arquitetura, tanto em suas atividades projetivas quanto nas suas representações, tem perpetuado a produção de não existência, ignorando corpos, práticas e modos de ocupar o espaço. Além disso, temos observado que pouco tem sido feito pelas escolas de arquitetura e urbanismo para superação desse quadro, usualmente pautadas para responder ao “mercado” – que mata, explora ou consome os corpos.

Nesse sentido, as sínteses visuais propostas podem vir a consistir uma modesta, porém importante metodologia para o ensino projetivo nas escolas de

Mateus Garcia Spindula, Leo Name, Andréia Moassab

arquitetura e áreas afins, visando a politizar o debate sobre espaço, espacialidades e corpos, além de ampliar a perspectiva crítica na área. A dialogia estabelecida em grupo, que inclui as usuárias e os usuários de determinados espaços, ajuda a compreender as dinâmicas de poder e sensibilidades normalmente desconsideradas nas representações cartesianas e debates dominados por maneiras de estar no mundo do corpo heterossexual, cisgênero, masculino, branco, adulto, magro, burguês e urbano.

Referências

ALCÁNTARA-CEBALLOS, Y. La producción de conocimiento urbano-arquitectónico. ¿Una colonización cultural? **Bitácora Urbano Territorial**, v. 29, n. 2, p. 185-192, 2019.

ANTUNES, L. P. S. G. A arquitetura nunca mais será a mesma. Considerações sobre gênero e espaço(s). **Urbana**, v. 7, n. 2, p. 2-23, 2015.

ANTUNES, L. P. S. G. Questões de gênero em arquitetura: história(s), espaço(s) e experiências profissionais e arquitetônicas. **Ex aequo**, n. 33, p. 67-81, 2016.

ARANTES, P. F. **Arquitetura na era digital financeira**: desenho, canteiro e renda da forma. São Paulo: Editora 34, 2012.

BELL, D.; VALENTINE, G. (Orgs.). **Mapping desire**: geographies of sexualities. London: Routledge, 1995.

BONDI, L. Progress in geography and gender: feminism and difference. **Progress in Human Geography**, v. 14, n. 3, p. 438-445, 1990.

BONDI, L. Gender symbols and urban landscapes. **Progress in Human Geography**, v. 16, n. 2, p. 157-170, 1992.

BONDI, L. Gender and geography: crossing boundaries. **Progress in Human Geography**, v. 17, n. 2, p. 241-246, 1993.

BONDI, L.; ROSE, D. Constructing gender, constructing the urban: a review of Anglo-American feminist urban geography. **Gender, Place and Culture**, v. 10, n. 3, p. 229-245, 2003.

BORGHI, R. L'espace à l'époque du queer: contaminations queer dans la géographie française, **Revue PoliQueer**, numéro dimensions francofolles, p. 14-26, 2014.

BROWN, M. P. **Closet space**: geographies of metaphor from the body to the globe. London: Routledge, 2000.

BUTLER, J. **El género en disputa**: el feminismo y la subversión de la

identidad. Buenos Aires: Paidós, 2007 (1990).

CAÑETE GALEANO, R. **Kuñia Paraguai roga: una perspectiva feminista para el albergue de la Universidad Nacional del Este – PY.** 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

CAÚLA, A. **Trilogia das utopias urbanas.** 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia. Salvador.

CAÚLA, A. **Trilogia das utopias urbanas.** Salvador: Edefba, 2019.

CAVEN, V., NAVARRO-ASTOR, E.; DIOP, M. A cross-national study of accommodating and “usurpatory” practices by women architects in the UK, Spain and France. **Architectural Theory Review**, v. 17, n. 2 - 3, p. 365-377, 2012.

CERVI, T.A.N., MISKOLCI, R., DIAS-DA-SILVA, M.R. e PEREIRA, P.P.G. O banheiro público como dispositivo de gênero. **Bagoas**, n. 20, p. 236-363, 2019.

CEVEDIO, M. **Arquitectura y género: espacio público, espacio privado.** Barcelona: Icaria Editorial, 2003.

CORTÉS, J. M. G. **Políticas do espaço: arquitetura, gênero e controle social.** São Paulo, Senac São Paulo, 2008 (2006).

COSTA, B. P. **A condição homossexual e a emergência de territorializações.** 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

COSTA, B. P. Práticas espaciais de ‘pegação’ homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente -SP e Vitória da Conquista – BA. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 5, n. 1, p. 152-179, 2014.

CRAMPTON, J. W.; KRYGIER, J. An introduction to critical cartography. **ACME**, v. 4, n. 1, p. 11-33, 2006.

CZARNIAWSKA, B. **Shadowing: and other techniques for doing fieldwork in modern societies.** Ljubljana: Liber/Copenhagen Business School Press, 2007.

DA SILVA, S. M. V. Geografia e gênero/geografia feminista: o que é isto? **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 23, n. 1, 1998.

DATTA, A.; HOPKINS, P.; JOHNSTON, L.; OLSON, E.; SILVA, J. M. (Orgs.). **Routledge Handbook of Gender and Feminist Geographies.** London/New York: Routledge, 2020.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016 (1981).

DE FONTES, M. L. **Mulheres invisíveis**: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, DF.

ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño**. La realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca, 2016.

FARRÉS DELGADO, Y. Colonialidad territorial y evolución urbana en La Habana. **Apuntes**, v. 28, n. 1, p. 8-23, 2015.

FARRÉS DELGADO, Y. Arquitetura e decolonialidade: algumas ideias sobre a Escola de Artes Plásticas de Ricardo Porro. **Redobra**, n. 15, ano 6, p. 289-316, 2020 (2016).

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**. São Paulo: Elefante, 2017 (2004).

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2000 (1975).

FREITEZ CARRILLO, O. **Diseñar desde lo subalterno: lenguaje y representación gráfica en arquitectura**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Integração Latino-americana. Foz do Iguaçu.

FREITEZ CARRILLO, O. Desenhando com o subalterno. **Epistemologias do Sul**, v. 3, n. 1, p. 166-179, 2019.

GIRARDI, G. Mapas desejanter: uma agenda para a cartografia geográfica. **Pro-Posições**, v. 20, nº 3, p. 147-157, set./dez. 2009.

GODLEWSKA, A. The idea of the map. In: HANSON, S. (Org.). **Geographical ideas that have changed the world**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1997, p. 15-39.

HARLEY, J. B. **La nueva naturaleza de los mapas**: ensayos sobre la historia de la cartografía. México: Fondo de Cultura Económica, 2005 (2002).

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005 (2001).

HEYNEN, H.; BAYDAR, G. (Orgs.) **Negotiating domesticity**: spatial productions of gender in modern architecture. London: Routledge, 2005.

HOAGLAND, A. K. **The bathroom**: a social history of cleanliness and the body. Denver: Greenwood, 2018.

ISLAS VELA, D.R. Zona Rosa: El territorio queer de la Ciudad de México. El consume de la disidencia, identidades, cuerpos y habitares. **Revista Latino-Americana de Geografía e Gênero**, v. 6, n. 2, p. 192-212, 2015.

JIRÓN, P. Transformándome en la “Sombra”. **Bifurcaciones**, v. 10, 2012.

JIRÓN, P.; IMILÁN, W.; ITURRA, L. Saber viajar en el metro de Santiago: la apropiación de lo público. **Revista Ciudad y Arquitectura**, n. 151, p. 112-115, 2013.

JIRÓN, P.; ITURRA, L. Momentos móviles. Los lugares móviles y la nueva construcción del espacio público. **Arquitecturas del Sur**, 2011, n. 39, p. 44-57, 2011.

KITCHIN, R.; DODGE, M. Rethinking maps. **Progress in Human Geography**, v. 31, n. 3, 2007, p. 331-344.

KNOPP, L. Ontologies of place, placelessness, and movement: queer quests for identity and their impacts on contemporary geographic thought. **Gender, Place & Culture**, v. 11, n. 1, p. 121-134, 2004.

KNOPP, L. On the relationship between queer and feminist geographies. **The Professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 47-55, 2007.

KNOPP, L.; BROWN, M. Queer diffusions. **Environment and Planning D: society and space**, v. 21, n. 4, p. 409-424, 2003.

KOGAN, T. S. Sex-separation in public restrooms: law, architecture, and gender. **Michigan Journal of Gender & Law**, v. 14, n. 1, p. 1-57, 2007.

LAN, D. Género y violencia: una ostentación de género en cada concepto. In: SILVA, J. M. e SILVA, A. C. P. (Orgs.). **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 121-136.

LENNTORP, B. Time geography: at the end of its beginning. **GeoJournal**, n. 48, p. 155-158, 1999.

LENZI, M. H.; SILVA, J. M. ‘Faço de conta que eu não existo e você faz de conta que não me vê’: geografias lésbicas na ditadura militar em Florianópolis –SC, Brasil. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 114 - 152, 2018.

MANIERO, V. Mais de 60 ONGs denunciam governo Bolsonaro na ONU por violações de direitos humanos na pandemia. **RFI**, 1º de julho de 2020.

MASSEY, D. **Space, place and gender**. Oxford: Polity Press, 1994.

MCDOWELL, L. **Género, identidad y lugar**: un estudio de las geografías feministas. Valencia: Universitat de València, 2000 (1999).

MIGNOLO, W. D. **Local histories/global designs**: coloniality, subaltern knowledges, and border thinking. Princeton: Princeton University Press, 2000.

MIRANDA, D. A cidade dos invisíveis: a transfobia como um instrumento de segregação social e urbana. **Revista Latino-Americana de Geografia e Género**, v. 9, n. 2, p. 331 - 347, 2018.

MOASSAB, A. Os desafios de introduzir as categorias gênero e raça no ensino de arquitetura e urbanismo. **Epistemologias do Sul**, v. 3, n. 2, p. 134-153, 2019.

MOASSAB, A. e BERTH, J. Arquitetas negras: apagamento e invisibilidade. **Arquitetas invisíveis**, v. 1, p. 43-49, 2018.

MOASSAB, A.; RUGERI, M. R.; FREITEZ CARRILLO, O.; NAME, L. Andréia Moassab: arquitetura, gênero e raça (entrevista). **Redobra**, n. 15, ano 6, p. 289-316, 2020.

MONMONIER, M. **How to lie with maps**. London/Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

MONTEIRO, P. Mulheres invisíveis. Princípios para uma reconstrução do discurso em Arquitetura. **Urbana**, v. 7, n. 2, p. 55-64, 2015.

NAME, L. Montagem de utopias urbanas como modo de pensar. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 22, 2020.

NAME, L.; FREITEZ CARRILLO, O. Cartografias alternativas decoloniais. Gênero, sexualidades e espaços em uma universidade em área transfronteiriça. **Arquitextos**, ano 20, n. 230.02, 2019.

NAME, L.; NACIF, C. L. Notas sobre mapas, mapeamentos e o planejamento urbano participativo no Brasil na perspectiva de uma cartografia crítica. **Biblio 3w**, v. 18, n. 1018, 2013.

NOMDEDEU CALVENTE, Z. En arquitectura: ausentes, invisibles, suplantadas. **Dossiers feministes**, n. 23, p. 95-110, 2018.

NOVAS, M. **Arquitectura y género**. Una reflexión teórica. Catellón: Universitat Jaume I, 2014.

PECCINI, I. R. Pensamento feminista no planejamento urbano: pensar o território pela perspectiva de gênero – prática e epistemologia. **Pixo**, v. 3, n. 10, p. 56-73, 2019.

PÉREZ FERNÁNDEZ, I. **Espacio, identidad y género:** aproximaciones teóricas. Sevilla: Arcibel Editores, 2009.

PRECIADO, B. **Basura y género.** Mear/cagar. Masculino/femenino. Bilbao: Amasté, 2002.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber:** eurocentrismo y ciencias sociales. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 227 – 278.

RODRIGUES, N. À procura das geografias de género e sexualidade em Portugal. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 5, n. 2, p. 42-58, 2014.

RUGERI, M. R. Casa branca, terra roxa: modernidade, espaço rural, arquitetura e suas relações de gênero. **Epistemologias do Sul**, v. 3, n. 2, p. 156-165, 2019.

SAINZ, J. **El dibujo de arquitectura:** teoría e historia de un lenguaje gráfico. Barcelona: Reverte, 2005 (1990).

SALVATORI, E. Arquitetura no Brasil: ensino e profissão. **Arquiteturarevista**, v. 4, n. 2, p. 52-77, 2008.

SANTANA, G. A. C.; GOMES, R. G. Notas iniciais para uma abordagem geográfica das vivências de homens trans na região metropolitana do Recife. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 13. **Anais...** São Paulo: ENANPEGE, 2019.

SANTOS, A. E. C.; ORNAT, M. J. Experiências espaciais de homens transexuais residentes na cidade de Ponta Grossa, Paraná. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 1, p. 22-50, 2018.

SANTOS, A. E. C.; ORNAT, M. J.; PICHITELI, M. A. As vivências de travestis e transexuais e os territórios nas instituições de ensino superior do município de Ponta Grossa, Paraná. **Formação**, v. 26, n. 49, p. 259-273, 2019.

SILVA, J. M. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2007.

SILVA, J. M. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **GeouERJ**, v. 10, n. 18, 2008.

SILVA, J. M. **Geografias subversivas:** discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Feminist geographies: fight and achievement of a

place in the Brazilian scientific production. **Gender, Place & Culture**, v. 26, n. 7-9, p. 956-963, 2019.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Geografias feministas na América Latina: desafios epistemológicos e a decolonialidade de saberes. **Journal of Latin American Geography**, v. 19, n. 1, p. 163-171, 2020.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Orgs.). **Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013.

SOUZA, G. G. E. [Re/a]presentação: reflexões para uma perspectiva discursiva e contra-hegemônica no ensino de representação gráfica em arquitetura e urbanismo. In: MOASSAB, A. e NAME, L. (Orgs.). **Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo**. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020 (no prelo).

SPINDULA, M. G. **Ligadonas na tomada do cool da madrugada: drag queens e a violência de gênero em sanitários de bares e casas noturnas de Foz do Iguaçu**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu.

STAMATOPOULOU, K. As Garotas Querem mais do que Diversão: A Geografia Alternativa dos Grupos de Lésbicas em Paris. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 7-43, 2018.

STRATIGAKOS, D. Unforgetting women architects: from the Pritzker to Wikipedia. **Places Journal**, 2016.

VALENTINE, G. Out and about: geographies of lesbian landscapes. **International Journal of Urban and Regional Research**, n. 19, p. 96-111, 1995.

VIEIRA, P. J. Aeminiumqueer, a cidade armário: quotidianos lésbicos e gays em espaço urbano. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 1, n. 1, p. 5-13, 2010.

WOOD, D. **The power of maps**. New York/London: The Guilford Press, 1992.

Recebido em 10 de outubro de 2020.

Aceito em 19 de dezembro de 2020.

Mateus Garcia Spindula, Leo Name, Andréia Moassab